

AS ARTES MARCIAIS E A EDUCAÇÃO NA HISTÓRIA: UMA PONDERAÇÃO SOBRE *MARTIAL ARTS AND THE BODY POLITIC IN MEIJI JAPAN*, DE DENIS GAINTY

Carlos Herold Junior

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Rafael Augusto Marques dos Reis

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Pedro Gabriel Gil Parizotto

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

A importância das artes marciais na atualidade torna imperativo o entendimento sobre os processos históricos que levaram a esse cenário. Para tanto, é fundamental a busca por estudos produzidos em outros contextos e que versem sobre diferentes facetas dessa dimensão da cultural. É o caso de *Martial Arts and the body politic in Meiji Japan*, de Denis Gainty. Professor de História da *Georgia State University*, a obra focaliza a inserção histórica da *Dainippon Butokukai* (Grande Casa das Virtudes Marciais do Japão) no período que vai da criação da instituição, em 1895, até sua dissolução em 1946.

Essa associação agregou políticos, educadores, simpatizantes, praticantes e professores de artes marciais, tornando-se portadora de autoridade política e pedagógica sobre “... todas as práticas no Japão, e ser amplamente responsável pela inclusão de artes marciais como o Judô e o Kendô como aulas obrigatórias de educação física nas escolas públicas japonesas” (p.03). Do ponto de vista metodológico, Gainty estuda a inserção do ímpeto modernizante do Japão pós-1868 nas deliberações dos indivíduos que deram vida à *Butokukai*. Igualmente, evidencia-se o modo como indivíduos construíram muitos dos valores nacionalistas que abraçaram a modernização como norte das transformações experimentadas no contexto japonês, buscando um “entendimento mais profundo como corpos, nações e modernidade podem se conectar” (p.06).

O capítulo 1 intitula-se *O contexto da Butokukai: o desenvolvimento das artes marciais e o samurai como formas culturais na era Tokugawa e no início da era Meiji*. Nele é criticada a reflexão que vê no ressurgimento das artes marciais japonesas características próximas à ascensão do nacionalismo japonês no final do século XIX. Endossa-se, ao contrário, que se testemunha nesse fenômeno um “traço da moderna sociedade japonesa” (p.17). Sublinha-se o desenrolar de uma continuidade que levou ao surgimento da mítica ideia de um guerreiro imbatível, justamente em um momento em que as técnicas de combate tornavam-se uma “flowery Swordsmanship” (p.23). Nesse raciocínio, encontra-se a sustentação do desenvolvimento da *Butokukai* e sua importância na transformação das artes marciais em conteúdo escolar e em espetáculo. Portanto, as artes marciais têm um caráter ambíguo: de um lado praticadas e tendo suas atividades intensificadas na era Meiji; ao mesmo tempo modificando suas próprias concepções e formas de atuação durante este período. Contrariamente à visão que atribui ao Judô e ao Kendô uma negação de valores ocidentalizantes, tem-se a codificação das artes

marciais como práticas educacionais colaborando na realização da “negociação pública de um projeto geral de modernização do Japão” (p.32).

No segundo capítulo, *A Danippon Butokukai: sua fundação, crescimento e dissolução*, Gainty esmiúça a expansão da *Butokukai* pelo Japão e para outros países, que passou a contar com 884.000 membros em 1904 (p.55). Nesse ponto, retorna-se à ação uniformizadora da *Butokukai* no que tange às práticas marciais. Embora essa uniformização tenha experimentado mais dificuldades com o Judô e menos com o Kendô, esse esforço foi fundamental para fazer frente a um dos principais obstáculos que impediam a prática das artes marciais nas escolas públicas: “Havia muitos estilos tradicionais e os novos não inspiravam confiança” (p. 61). Essa escolarização das artes marciais deu-se de modo paralelo à constatação de que “os esportes se tornaram um importante aspecto da educação física e cultura física japonesas” (p.68). Essa aproximação não impediu alguma identificação das artes marciais com a atmosfera nacionalista e belicista gerada pela segunda grande guerra, apesar da *Butokukai* ter sido dissolvida em 1946 por determinação americana.

No período de existência da *Butokukai*, entre as variadas atividades políticas e pedagógicas realizadas, os eventos públicos promovidos pela instituição davam visibilidade “ao impressionante conjunto de ideias, práticas e crenças” (p.72). Esses eventos recebem a atenção do autor no capítulo terceiro, *Roubar a bandeira: espetáculo e retórica*. Tratavam-se de festivais, inaugurações de sedes e campeonatos, interpretados como fundamentais para cimentar uma “visão comum (apesar de desconcertantemente múltipla) da moderna identidade japonesa” (p.74). Na análise desses eventos, Gainty inicia um movimento analítico que caracteriza boa parte do restante do livro: uma discussão bastante preocupada com as questões metodológicas da teoria social, em que o tema central do livro torna-se um pano de fundo. Na página 91, o autor lista e critica uma série de abordagens teóricas concernentes à espetacularização da sociedade, tendo Guy Debord como ponto de partida. Para Gainty, a questão é compreender que a participação nacional é uma consequência das múltiplas participações individuais. Entender o engajamento dos indivíduos nos esforços políticos e pedagógicos da *Butokukai* e de seus membros demanda um olhar que contorne “polaridades”, como as que opõem as categorias de nacional e local, sociedade e indivíduo, entre outras.

Em que pese à inserção das artes marciais no currículo escolar japonês ser citada em quase todo o livro, é no capítulo 4, *Falando em ensinar: a retórica das artes marciais na educação física*, que o assunto é escrutinado de forma detida. Embora as artes marciais fossem praticadas informalmente nas escolas em diversas localidades, foi em 1911 que o Judô e o Kendô foram aprovados como cursos eletivos nas escolas públicas, sendo que em 1931 eles se tornaram obrigatórios por ação do Ministério da Educação (p.95). O processo que levou a esse desfecho é reconstruído de modo a nos levar a compreender as diferentes posições sobre a inclusão das artes marciais no currículo das escolas. Desde o final do século XIX havia a discussão sobre a viabilidade pedagógica das artes marciais. Muitas tentativas de franqueá-las às instituições escolares foram frustradas devido à avaliação de que elas seriam perigosas e que proporcionariam um desenvolvimento físico assimétrico, raciocínio que ia ao encontro dos defensores da escolarização das práticas corporais na Europa e nos Estados Unidos. A *Greater Japan Private Society* defendia a primazia técnica dos exercícios europeus, em relação às artes marciais para os “propósitos de higiene”, o que era contraposto. Em 1890, Hashimoto afirma que “... até os modelos de educação física ocidentais eram insuficientemente energéticos e competitivos para atender às necessidades do cidadão japonês” (p.111). As dissensões entre “o nosso bujutsu” (p.104) e os “exercícios europeus” (p.105) são interpretadas por Gainty como “tensões em torno da definição da identidade nacional japonesa” (p.98) que fez do Budô um elemento de grande valor para a construção de uma modernidade japonesa. Com essa interpretação, o autor critica uma determinada leitura do mesmo processo histórico que

enxerga na implementação das artes marciais nas escolas japonesas uma manifestação pedagógica de um ideário fascista e imperialista.

Dando ao Estado suas pernas: repensando agência e o corpo através da Butokukai é o último capítulo. Nele realiza-se a ambição metodológica do autor em evidenciar o simplismo de muitas dicotomias usualmente tomadas como pressupostos no campo das ciências humanas. A ênfase é a tensão entre a “fiscalidade individual” e o “coletivo corporificado” (p.119), assumida como constitutiva e, ao mesmo tempo, estimulada pelo processo de nascimento, desenvolvimento e dissolução da *Butokukai*. A estrutura ramificada da instituição através da inserção dos *branches* nas prefeituras locais, da participação dos membros em diversos órgãos governamentais e da adesão popular (um milhão de associados em 1905), demonstram o papel retórico e participativo no processo de implementação das políticas educacionais no campo da educação física e na concepção de homem e corpo na modernidade japonesa. O importante, diz Gainty, é não desconsiderar que, nesse processo, a corporalidade deve ser tomada como ponto de partida da análise. Seria ela o *locus* de irradiação e realização da “complexa manipulação tanto dos ‘tradicionais’ elementos, tais como a imagem do samurai e as ordens imperais, quanto das estratégias modernas, tais como o nacionalismo, o militarismo, a participação no processo democrático e, especificamente, as noções ocidentais como calistenia” (p.125). Tomando as reflexões de George Lakoff como sustentáculos teóricos de suas ideias, Gainty afirma que o estudo do que ele chama de “corpo marcial” fez com que a “nação moderna” se tornasse “imediate” (p.141), vivida cotidianamente.

Consoante ao tema estudado a obra é possuidora de vários méritos. São particularmente elucidativos o empenho e a importância da *Butokukai* na escolarização das artes marciais, destacando-se a relevância dessa questão pedagógica no âmbito da problemática política e cultural colocada pelos desdobramentos da história japonesa pós-1868. Trata-se de uma provocação necessária para quem estuda a presença/ausência das artes marciais na estrutura educacional brasileira. No crescente e relevante fortalecimento da pesquisa sobre as artes marciais no campo da Educação Física escolar, é corrente a assunção de uma distância entre aquelas práticas e a realidade que se experimenta nas escolas. Gainty sublinha que boa parte do sucesso na aceitação e expansão mundial das artes marciais japonesas reside na sua escolarização que ocorreu no território japonês, estimulando-nos a problematizar o tal o distanciamento que se vê aqui existir por meio de uma reflexão histórica sobre a recepção das variadas artes marciais japonesas em diferentes lugares do Brasil durante todo o século XX.

Referências

GAINTY, D. **Martial arts and the body politic in Meiji Japan**. London and New York: Routledge, 2013.

.....

Recebido em: 23/08/2016
Revisado em: 13/11/2016
Aprovado em: 13/11/2016

Endereço para correspondência:
carlosherold@hotmail.com
Carlos Herold Junior
Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790 - Zona 7
Maringá - PR, 87020-900